

O SER HUMANO E A GRAÇA: UMA LEITURA BÍBLICA

THE HUMAN BEING AND GRACE: A BIBLICAL READING

WILLIAM AMARAL NUNES*

*Presbítero da Arquidiocese de Pelotas. Licenciado em Filosofia/UFPEL.
Bacharel em Teologia/UCPEL. E-mail: williamnunes@gmail.com

CÉSAR AUGUSTO COSTA**

**Professor nos cursos de Teologia e Filosofia da Universidade Católica de Pelotas/UCPEL.

Resumo: O artigo aborda a Teologia da Graça a partir da Sagrada Escritura à luz da pesquisa bibliográfica. O intuito é percorrer o itinerário de elaboração da Teologia sobre a Graça divina, sua relação com natureza e liberdade, buscando compreender a ação graciosa de Deus na criação, bem como, na eleição do povo de Israel, onde Deus manifesta sua graça e misericórdia agindo em favor deles. O termo cháris do Novo Testamento, encontra sua relevância na graça vivida na comunidade dos Apóstolos.

Palavras-chave: Teologia da Graça. Sagrada Escritura. Graça divina.

Abstract: The article approaches the Theology of Grace from Sacred Scripture in the light of bibliographical research. The intention is to go through the itinerary of the elaboration of the theology on divine grace, its relationship with nature and freedom, seeking to understand the gracious action of God in creation, as well as in the election of the people of Israel, where God manifests his grace and mercy acting in their favor. The term cháris in the New Testament finds its relevance in the grace lived in the community of the Apostles.

Key-words: Theology of Grace. Sacred Scripture. Divine Grace.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao pensarmos no momento que primeiro expressa a relação íntima do Homem com Deus, devemos recorrer ao Livro do Gênesis. No *Éden*, o ser humano gozava de uma ordem interior e uma relação ordenada com o mundo. Graça nesse sentido, se expressava na amizade de Deus pelo homem. Ao criar o ser humano, Deus imprime nele sua imagem, deixando sua marca, nas capacidades divinas de amar e decidir. A meta final do próprio criador era dar ao Homem participação na vida divina.

No entanto, o homem rompe esta amizade com Deus, ao provar do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, como descrito em Gênesis 3. Momento ápice do rompimento da comunhão vital do homem com Deus, início da desordem que será instaurada no interior do homem.

Desde os primeiros momentos de sua existência, o Homem, deixou-se corromper no uso de sua liberdade, decidiu tomar sua vida nas mãos. Com isso, viu-se perdido em um mar de desordem, o que afetou sua relação com o criador e entre seus pares. Essa experiência de desordem, causou na alma humana uma ruptura, uma cisão, mas, foi incapaz de apagar a "imagem e semelhança", com a qual Deus o criou, por isso, a vida humana é marcada na história por essa busca constante de estar em Deus.

Dessa forma, no decurso da caminhada do ser humano há a busca de reconciliar-se com seu criador, o Pai, sempre solícito, o qual deu a ele, sinais de seu amor incondicional, que age em favor de sua criação, ainda que essa, muitas vezes vacile e ande fora dos caminhos do Senhor.

No decorrer deste texto, veremos essa relação de reconciliação graciosa, que quer levar o homem à plena realização de sua vocação natural, tornar-se como Deus. Isso, no entanto, só será possível à luz da encarnação divina, em Cristo o ser humano compreenderá plenamente sua vocação sobrenatural, como filhos no Filho.

A seguir, veremos esse desdobramento da compreensão humana sobre si mesma, e em relação a seu criador. Podemos afirmar, em pers-

pectiva bíblica, que nesse percurso a mão poderosa de Deus sempre agiu em favor de seu povo. Entendemos que nos encontros e desencontros, fidelidades e infidelidades, o amor divino não tem medidas nem limites, assim como, o agir de sua graça redentora.

2 GRAÇA E CRIAÇÃO

A graça pode ser compreendida em três dimensões: *cósmica, antropológica e teológica*, dessa maneira, a criação mostra Deus como sujeito, e se expressa pela ação trinitária no mundo (BOFF, 2009).

Deus está no princípio de toda a criação, é ele quem age *ex nihilo* (do nada), faz o homem a sua imagem e semelhança e lhe entrega a criação como dom (Gn 9,7) é dele agora a responsabilidade de manter em ordem a criação. No entanto, a ordem criadora de Deus entra em colapso, ao entrar no mundo a desordem trazida pelo pecado original.

Apenas em Cristo esse drama será superado, com a encarnação do Verbo, o projeto divino da criação chega a seu termo, alcança sua meta. Esse evento, abre a compreensão para a característica trinitária de Deus, que em Cristo pelo Espírito atua no mundo a fim, de restabelecer a ordem e reconciliar o homem. Isto quer dizer que:

Neste horizonte, enfatiza-se a atuação trinitária como Comunidade relacionada no amor pela comunhão gerada no Espírito Santo e revelada pela vinda de Jesus Cristo no meio de nós. Falamos desta Comunidade, mais conhecida como Santíssima Trindade, começando por Jesus Cristo porque é por Ele que temos acesso ao mistério de Deus Pai, de Deus Filho e de Deus Espírito Santo. (BOFF, 2009, p. 321)

Isso demonstra, que a partir da compreensão da identidade trinitária de Deus, podemos encontrar o fundamento da criação cósmica, que se desdobrará na história da salvação. Essa pers-

pectiva demonstra, que não há possibilidade de mundo sem o homem, e vice-versa, porém, o homem só se encontrará no Filho de Deus, que feito homem pela ação do Espírito Santo, manifesta a salvação à humanidade inteira.

Ao encarnar-se no mundo, o Verbo eterno de Deus Pai, a criação começa a ser compreendida, como manifestação histórica de Deus, que em Jesus Cristo, revela a substância, da fé em Deus, como criador de todas as coisas do universo. Dessa forma o apóstolo Paulo, louva a primazia de Cristo na criação (Cl 1,15). Diz-nos Boff (2009, p. 321) [...] o primado de Cristo na criação, é um testemunho de primeira grandeza da fé primitiva que celebra e proclama a preexistência divina de Jesus Cristo.

Dessa maneira, vemos expressa a ação criadora de Deus em Jesus Cristo, primogênito da criação. Aqui, segundo Boff (2009, p. 323), está expressa a dimensão cosmológica, antropológica e soteriológica da criação. Em Cristo temos o fio condutor de todo ato criador de Deus Pai. Nesse sentido a graça se expressa na criação, ela é trinitária, doa ao homem, sua imagem e semelhança, e comunica-se ao homem através de seu Espírito, no qual, todo homem chegará à plena realização em Deus. Ou seja:

A criação como cosmo não é simples cenário ornamental da relação direta e interpessoal entre Deus e a pessoa humana. Esta constitui um importante lugar de mediação desta relação. Se for verdade que Cristo, na sua pessoa encarnada é o Mediador (1Tm 2,5), ou o lugar da mediação, sua função se plenifica no mundo, na criação assumida e transfigurada (Rm 8,19ss). A transfiguração do mundo no evento cristológico da encarnação coroada pela ressurreição é encontrada em Cristo. Nele "aprove a Deus fazer habitar toda a Plenitude" (Cl 1,19), o "pleroma", que, num contexto sapiencial, é indicativo da plenitude do cosmo transfigurado (Sb 7,22) (BOFF, 2009, p. 329).

Tais elementos nos ajudarão a compreender a dimensão antropológica da graça divina, que desenvolveremos melhor no decorrer deste capítulo. A graça em sua dimensão cósmica e antropológica, revela a ação amorosa de Deus desde toda a eternidade. Ele cria com amor e por amor, pois é ele a fonte e termo de todas as coisas. Como afirma a Carta aos Paulo aos Efésios (Ef 1,3): "Foi em Cristo que Deus Pai nos escolheu, já bem antes de o mundo ser criado, para que fôssemos, perante a sua face, sem mácula e santos pelo amor".

O hino paulino do primeiro capítulo da Epístola aos Efésios, afirma que, em Cristo Deus Pai nos escolheu como filhos adotivos, nos dando a conhecer os seus mistérios, e assim levando-nos à plenitude dos tempos, em Cristo, reunir-nos naquele grande louvor cósmico onde toda a natureza criada retornará a seu criador.

3 A VIDA NA GRAÇA: ALIANÇA ENTRE DEUS E O SER HUMANO

Quando falamos de graça no Antigo Testamento, temos que ter em conta a dinâmica da aliança entre Deus e o povo hebreu. Isso acontece na esfera da predileção divina, testemunhada pelo povo em sua história, só assim, podemos compreender como a graça é vivida no contexto veterotestamentário. Quando buscamos um termo, que esteja mais próximo de expressar esta relação de conagração entre o Deus e o homem, encontramos a palavra hebraica **hen**, que expressa benevolência, ou ainda, dom gracioso, que forma ainda a raiz para palavra **hesed** traduzida, na maioria das vezes, como misericórdia. No entanto, ambas as palavras não querem expressar graça como compreendido pela teologia hodierna. Sendo assim:

O povo percebe que Deus age gratuitamente nos acontecimentos históricos. Neste contexto, é muito significativo que os termos que são traduzidos por graça ou equivalentes têm a ver com

fidelidade, justiça, comportamento reto (**hesed**); com o favor que alguém encontra diante do outro (**hen**) segurança e confiança (**emet**); compaixão num sentido interior perante os outros, o que pode sugerir o sentido dinâmico do amor (**rahamin**). (BARROS, 2013, p. 3)

Deus, porém, não cessa de atrair o ser humano, pois quer salvá-lo, dessa maneira, elege para si um povo, escolhido sem mérito algum. Neste momento se expressa mais uma vez esta graça divina como benevolência, como iniciativa gratuita de Deus em eleger para si um povo.

O povo de Deus não quis dar um conceito a respeito de Deus, pois Deus sempre encontrou seu povo na história, por isso, sua graça é expressa na atitude livre de fidelidade, justiça e amor, que independem dos esquemas legais humanos. Por isso, tal graça se encontra em episódios como a libertação da escravidão do Egito na eleição para a aliança como expresso em Êxodo 19,5-6 "Agora pois, se verdadeiramente escutares minha voz e guardares minha aliança vós sereis meu povo entre todos os povos; porque minha é toda a terra; sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa".

O ponto crucial desta aliança, se encontra no decálogo que chama a Israel a ser povo santo que leva as leis e os mandamentos no coração, pois Deus será para esse povo eternamente aquilo que diz o livro do Êxodo:

Yahweh passou diante dele, e ele proclamou: Yahweh? Yahweh? Deus de ternura "Rahamin" e de graça (**hen**), lento para a cólera rico em graça e fidelidade (**emet**), que guarda sua graça a milhares tolera a falta, a transgressão e o pecado, mas a ninguém deixa impune e castiga a falta dos pais nos filhos e

nos filhos de seus filhos até a terceira e quarta geração. (Êxodo 34,6-7)

Como nos diz Antonio Sáyès (1993, p. 11, tradução nossa), em sua obra **La Gracia** de Cristo, "será o Deuteronomio que aprofundará a noção de ação salvífica de Deus como bênção e como graça, que se expressam através da aliança"¹. Aqui, eleição deve ser entendida, como escolha gratuita que gera comunhão pessoal, entre Deus e Israel como diz Deuteronomio 4,7 "De fato, qual a grande nação cujos os deuses lhes estejam tão próximos como Yahweh todas as vezes que o invocamos?" Esta interrogação expressa a maneira com que Deus doa seu amor a um povo, que não possui mérito, mostrando seu desígnio de salvação.

Como falamos no início de nosso artigo, ao longo da história da salvação o vocábulo mais aproximado e presente em todas as narrativas que expressam a ação benévola de Deus em relação ao seu povo, é o termo **hen**, derivado do verbo hebraico (**hanan**), que estritamente significa inclinar-se para olhar abaixo. Dizem-nos Binger e Feller (2003), é como um pai em relação ao filho, assim o Senhor em relação ao seu povo. **Hen** demonstra a dinâmica da graça na história. Assim,

[...] a superação da diferença de poder entre forte e fraco, em virtude seja de uma situação seja de um princípio, mediante a iniciativa do forte, que age por sua própria e espontânea vontade, mas movido pelo relacionamento e pela súplica do fraco. (apud BINGER; FELLER, 2003, p.68)

É a escolha gratuita de Deus que tem também um objetivo gratuito, ela é eleição, tem sua expressão máxima, no ato gratuito de

¹ Es el Deuteronomio el que profundiza en la acción salvífica de Dios como bendición y como gracia. Profundiza en las relaciones de gracia surgidas del pacto. (SÁYÈS, 1993, p.11)

Deus em liberdade. Esse tríplice movimento da graça divina, expressa na relação de Deus com o seu povo eleito. Graça é eleição, aliança e libertação. Mesmo a lei do decálogo, que pode ser considerada uma contrapartida ao favor de Deus, é entendida como graça. A obediência à lei é a vida na graça. "A gratuidade de Deus é absoluta, não se firma, não se funda em atitudes e qualidades humanas prévias" (BINGEMER E FELLER, 2003, p. 68).

Desta maneira, e a título de conhecimento, se pode esquematizar a graça concebida pelo povo da antiga aliança em cinco momentos: primeiro, de favor e benevolência de Deus, como nos apresenta o Êxodo e a literatura profética. Segundo, como justiça salvadora manifestada na glória de Deus a seu povo; terceiro, regeneração como transformação espiritual; quarto, sabedoria de Deus que se comunica através dos dons, que refletem a sua beleza, e quinto, a presença de Deus e o desejo humano de união com ele, como é largamente relatado pelo livro do Salmos.

Neste primeiro aspecto da graça como experiência antropológica a relação entre Deus e o ser humano acontece na medida em que Deus eleger um povo não por mérito do mesmo, mas por pura benevolência e misericórdia de Deus. Nesta medida a graça aparece como, favor bondoso, justiça que salva, aliança que renova, dom da sabedoria, Deus que se comunica com seu povo e resultando neste desejo do sentir-se na presença de Deus e até mesmo da união com ele.

4 CHÁRIS: A GRAÇA COMPREENDIDA A PARTIR DA ENCARNAÇÃO

Quando falamos em graça no Novo Testamento temos de ter claro que ela está ligada estritamente à pessoa de Jesus Cristo. Ele é a manifestação definitiva da graça de Deus. A palavra graça é expressamente citada na literatura Paulina, mas se olharmos nos evangelhos sinóticos podemos entender graça como o reino de Deus,

enquanto em São João como vida. Desta maneira a graça se desdobra no Novo Testamento na ação salvífica de Cristo, Deus encarnado, expressão máxima da bondade e misericórdia divina.

Assim como no Antigo Testamento também no novo, não oferece uma teologia da graça elaborada de maneira mais racional. A graça é vivida e entendida a partir das experiências dos próprios autores dos textos sagrados e comunidades cristãs. Aqui, a graça se desdobra na misericórdia, na justiça e na autocomunicação do Espírito Santo.

O Novo Testamento nos traz alguns momentos, onde a graça de Deus é manifestada de maneira indireta pelos autores sagrados. No caso dos Evangelhos Sinóticos a experiência da graça se expressa pela aceitação de Jesus Cristo e a busca do reino. Deus oferece ao ser humano a salvação e o reino. Esse pode ser considerado o programa de ação de Deus. Logo:

O reino de Deus, anunciado e iniciado por Jesus de Nazaré, é a manifestação da gratuidade de Deus pai, que se aproxima dos pobres e pecadores. Àqueles que nada podem, nada têm, nada sabem, nada mandam é anunciada a graça da salvação. O filho eterno do pai aproxima-se dos pobres, com eles se identifica, com eles é solidário, toma seu partido. (BINGEMER; FELLER, 2003, p.78).

Podemos nos perguntar, de que forma os evangelistas, ao menos, Marcos, Mateus e Lucas, expressaram esta graça manifestada em Jesus Cristo. Segundo pesquisadores do Novo Testamento, Mateus e Marcos não empregam a palavra **cháris**. Enquanto em Lucas, a mesma aparece somente oito vezes.

No entanto, nos Atos dos Apóstolos, também de autoria lucana, o termo está presente dezessete vezes. Isto se deve à compreensão que os evangelistas sinóticos tinham de que o reino de Deus aberto por Jesus era manifestação de gratuidade de Deus que está próximo dos pequenos.

Graça é por isso, uma realidade presente e escatológica, é dom gratuito, dado a quem tem fé, é adoção filial, que se dá na medida da intimidade amorosa e afetiva com Deus, e por isso é segmento daqueles que deixam tudo para servir os irmãos. Isto indica que, "Jesus Cristo não emprega nunca a palavra **charis** no sentido de graça. Jesus Cristo apresenta a salvação gratuita de Deus com o termo **reino de Deus** que chega à humanidade de forma imerecida e gratuita" (SÁYÉS, 1993, p. 16, tradução nossa)².

Desta maneira, podemos resumir que graça nos Evangelhos sinóticos está na busca do Reino, que se expressa, na relação recíproca de amor em Jesus Cristo de maneira gratuita. Graça é festa, banquete, alegria e encontro do Pai com seus filhos.

No evangelho de São João, o termo graça aparece apenas no prólogo em três vezes, e está relacionada à encarnação do Verbo. A palavra **vinha** no evangelho joanino pode ser compreendida como sua teologia da graça. Pois, ressalta a necessidade da junção dos ramos com o tronco e por fim ainda é a vida trazida por Jesus "Eu vim para que tenham vida" (Jo. 10,10). "Em São João a terminologia sobre a graça é diferente. O termo **cháris** não aparece na boca de Cristo, mas sim na reflexão teológica de João: "O unigênito do Pai, o **logos** feito carne, está cheio de graça e de verdade" (Jo 1,14) (SÁYÉS, 1993, p. 20, tradução nossa)³.

Por isso, João caracteriza a graça de duas formas, ela é dom gratuito, pois vem do alto, é dada pelo **logos** divino feito carne.

5 A GRAÇA NA REFLEXÃO DE SÃO PAULO

Ainda é importante destacarmos no Novo Testamento uma das contribuições mais importantes para o desdobramento da teologia da graça, ou seja, os escritos paulinos, onde largamente a palavra **cháris** aparece num total de cem vezes. Paulo traduz o reino dos sinóticos por graça, em seus escritos. Graça é dom gratuito, fruto de uma eleição, é iniciativa salvífica de Deus, que se manifesta e realiza plenamente em Jesus Cristo.

A graça nos escritos paulinos não é algo, mas alguém, sendo assim, deve ser o centro da vida e da atividade cristã. É em Cristo, que o homem é justificado pela fé, se a queda de Adão tornou impossível ao homem alcançar a justiça, pois o pecado o tornou escravo de suas próprias paixões desordenadas, sobre isso, diz São Paulo na Carta aos Romanos.

Sabemos que a Lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido como escravo ao pecado. Realmente não consigo entender o que faço; pois não pratico o que quero, mas faço o que detesto. Ora, se faço o que não quero, eu reconheço que a Lei é boa. Na realidade, não sou mais eu que pratico a ação, mas o pecado que habita em mim. (Rm 7, 14-17)

Como afirma Sáyès (1993, p. 17), é justa-

2 Jesucristo no emplea nunca la palabra *jaris* em el sentido de gracia. Jesucristo presenta la salvación gratuita de Dios con el término del reino de Dios que llega ala humanidad de forma inmerecida y gratuita. (SÁYÉS, 1993, p.16).

3 En San Juan la terminología sobre la gracia es diferente. El término *járis* no aparece en boca de Cristo, pero sí en la reflexión teológica de Juan: "El Unigénito del Padre, el Logos hecho carne, está lleno de gracia y de verdad" (Jn 1,14). Mientras la ley se dio por Moisés, "la gracia y la verdade vinieron de Cristo" (Jn 1,17).). (SÁYÈS, 1993, p.20).

mente essa, a tragédia da lei, ela é capaz de indicar o caminho do Bem, mas não oferece ao homem forças suficientes para seguir tal caminho⁴.

Lei e pecado, acabam por convergir. A lei faz do pecado uma infração formal, é ela quem aponta para o pecado, através da lei, é que se faz conhecer o pecado tornando-o uma infração formal. Dessa maneira, o homem é levado a acusar diante de Deus seu pecado como ofensa pessoal.

Só em Cristo, a economia da lei será substituída para uma economia da justificação gratuita, essa se estenderá, não só aos judeus, mas tornar-se-á universal e estará ao alcance de todos. A graça em Paulo, está na dialética entre o velho e o novo homem. Que se descobre pecador sujeito a uma lei, que em Cristo é justificado e salvo.

A justificação do pecador é, portanto, puro dom de Deus. Paulo tem diante de si a justificação judaica pelas obras, a que pretende alcançar por esforço humano. E ante a impotência do homem diante do pecado, Paulo estabelece que a justiça, o homem, somente a pode alcançar como dom. (SÁYÉS, 1993, p. 17, tradução nossa)⁵

Desse modo Paulo explicita a relação entre pecado e graça, se pela lei o homem toma conhecimento do pecado, mas não as condições suficientes para vencê-lo, é no Espírito que habita seu interior, que se tornará filho no Filho. Assim afirmam Bingemer e Feller, "[...] não só capaz de conhecer o pecado, mas também de superá-lo pela prática do amor e pela vida na graça" (2003, p. 81). Para São Paulo, a vida verdadeira é

uma vida na graça de Deus, o ser humano liberto do pecado e de suas amarras e de seus frutos, a morte e o afastamento de Deus.

Poderíamos nos perguntar, mas então, como o homem em São Paulo, mantém-se num estado de graça; a resposta para isso está na participação dos sacramentos, o Batismo, como vinculação à morte e ressurreição do Senhor. Dessa maneira o homem vive a páscoa continua, das trevas do pecado à luz da graça. Se pela lei o ser humano está subjugado, pela graça a liberdade em Cristo.

Paulo é o expositor por excelência da doutrina bíblica da graça. A ele se deve o uso do termo que se tornará comum na reflexão teológica posterior. É difícil sintetizar a teologia da graça em Paulo no sentido de reduzir a um denominador comum. Há, porém, dois temas que seguramente se articulam em toda sua teologia: a graça como indicativo da fase escatológica e definitiva inaugurada por Cristo, e a graça como viver em Cristo (BARROS, 2013, p. 3).

Desta forma, a graça em São Paulo é manifestada na salvação trazida por Jesus Cristo a todos quanto aderirem a Ele pela fé no batismo, tornando-se filhos de Deus. Aqui, apresentamos alguns aspectos, que serão importantes para compreensão do desenvolvimento da Teologia da graça no período patrístico. Dessa forma, nos debruçaremos ainda sobre o epistolário petri-no, a fim de oferecer mais alguns elementos de compreensão sobre a participação do homem na vida divina pela graça.

4 Esta es la tragedia de la justicia de la ley; una ley que me marca el camino a seguir, pero que no da la fuerza para seguirlo. (SÁYÉS, 1993, p.17).

5 La justificación del pecador es, por tanto, puro don de Dios. Pablo tiene delante la justificación judaica por las obras, la que pretende conseguirse por el esfuerzo humano. Y ante la impotencia del hombre frente al pecado, Pablo establece que la justicia solamente la puede alcanzar el hombre como don. (SÁYÉS, 1993, p.18)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz do que foi dito, desde o princípio da criação Deus age na história, ao criar o ser humano estabelece uma ordem entre esse e os demais seres, a graça divina se dava na medida em que Deus e o homem viviam numa relação de amizade. A imagem e semelhança foi a marca com que o próprio criador selou sua predileção pelo homem em meio a toda criação. Temos aqui a graça na criação, primeiro na formação do mundo, até que pela desobediência se instaurou no homem a desordem trazida pelo pecado.

No entanto, Deus não cessa de atrair o homem para si, por isso, estabeleceu uma aliança com o povo de Israel, ao qual amou sem medidas, e não deixou que seu duro coração, fosse um empecilho para que Ele continuasse agindo na história de tal povo. É o *hen* do Deus de Israel, que permite que mesmo nos desvios e infidelidades, o povo não pereça.

Chegada à plenitude dos tempos, Deus que não abandona seu povo, envia seu próprio Filho, Verbo eterno, para assumir a carne humana, sua natureza, devolvendo ao Homem a dignidade de sua condição, tornando-o filho no Filho, não apenas, criatura, mas filho de Deus.

A graça nesse contexto é tema central da escrita neotestamentária, é o *cháris*, nos Evangelhos o tema está transversalmente colocado nos atos de Jesus, nas parábolas e no anúncio do Reino. A literatura joanina oferecerá uma visão mais explícita da graça, no logos divino feito carne e na participação nas realidades divinas. Em São Paulo, a graça é o dom gratuito expresso na eleição gratuita, não mais de um povo apenas, mas de toda a humanidade.

Finalizamos nosso artigo, pontuando que a partir das fontes bíblicas, o estudo da Teologia da Graça possui vitalidade e dinamismo espiritual, cujos elementos centrais podem alicerçar ulteriores reflexões e desafios para a Teologia contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Wellington da Silva. **Da doutrina da graça à antropologia teológica: fundamentos, desenvolvimento, renovação e perspectivas para o pluralismo religioso**. Disponível em: <https://www.academia.edu/12051936/Da_doutrina_da_Graça_à_Antropologia_Teológica>. Acesso em: 27/06/2021.

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, M. C. L., FELLER, V. G. **Deus- Amor: a graça que habita em nós, Trindade e Graça II**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BOFF, Lina. **Reconciliar vida humana, ambiente e evolução: uma perspectiva da teologia da criação**. Rev. *Pistis Praxis*., Teol. Pastor., Curitiba, v. 1, n. 2, p. 317-338, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/10670> Acesso em: 22/09/2021.

PIRATELI, Marcos Roberto; PEREIRA MELO, José Joaquim. **Definições de livre arbítrio e graça em Agostinho de Hipona: subsídios para a moral na antiguidade cristã**. Anais da Jornada de Estudos Antigos e Medievais. Universidade Estadual de Maringá. Setembro, 2011. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2011/pdf/comun/03048.pdf> Acesso em: 22/10/2021.

SAYÉS, José Antonio. **La gracia de Cristo**. Madrid: B.A.C., 1993.